



JORNAL DO ENGENHEIRO

# Agrônomo

ANO 52, Março /Abril de 2022, nº 324



## ENGENHEIRAS AGRÔNOMAS EM POSIÇÕES DE DESTAQUE

**Entrevista:** Eduardo Brito Bastos, participante ativo da COP26, afirma que agro deve investir em governança

**Nova gestão**  
Conheça os diretores que estarão à frente da AEASP no próximo triênio

## Capa

### Engenheiras agrônomas em posições de destaque



FOTO: ISTOCK

Notícias Agro	03
Notícias Agro	04
Artigo   Classificação dos registros de 2021	05
Entrevista   Eduardo Brito Bastos	10
Conselho em Pauta	13
A nova diretoria da AEASP	14
Eventos AEASP: a qualidade dos cafés no Brasil	18
Parabólica	21
Artigo   A agricultura e a domesticação de plantas no Brasil	22

Para o bem e para o mal, o ano de 2022 começou agitado. Crise econômica, oscilações das contaminações por Covid-19 e uma guerra que representa uma tragédia humana, como todas as guerras, e abala a economia mundial.

As dificuldades para a obtenção de insumos agropecuários no Brasil, que já vinham abalando o mercado e abordamos na edição passada do JEA, se agravam com o conflito Rússia-Ucrânia e geram uma série de impactos. Mas, apesar dos reveses, o agro nacional continua firme. Tivemos, inclusive, o lançamento do Plano Nacional de Fertilizantes, que deve ajudar a encontrar soluções para a dependência do país em relação a esses produtos.

Na AEASP, a agitação dos três primeiros meses do ano tem sido positiva. Graças ao empenho conjunto de cada membro desse mandato, já realizamos dois eventos, uma palestra sobre Qualidade do Café, com Aldir Alves Teixeira, uma sumidade no tema, e a palestra sobre seguro rural com os especialistas Ana Lúcia Camargo da Silva e Alessandro dos Santos Calhau. E temos, ainda, vários outros eventos programados para este ano, para levar aos nossos associados e ao público em geral conteúdo de qualidade sobre a agronomia e o agro.

Como todos sabemos, há uma demanda represada por assistentes agropecuários na Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA), cargo disputado por muitos engenheiros agrônomos, uma vez que vai ao encontro das atribuições da profissão.

A AEASP, em sua missão de valorizar os profissionais da agronomia e representar seus interesses, encaminhou ao vice-governador, Rodrigo Garcia, um ofício no qual solicita que seja dada atenção especial para a efetivação da chamada dos concursados remanescentes do concurso para a contratação de assistentes agropecuários homologado em 2018 e que teve a sua validade prorrogada até 19 de março de 2022. Aguardamos parecer da autoridade. E seguimos atentos às causas importantes para a nossa categoria.

A diretoria da AEASP também está trabalhando exaustivamente para organizar a nossa consagrada Cerimônia Deusa Ceres, a ser realizada em 27 de abril. Estamos nos empenhando para que o evento continue a ser uma referência, um tributo aos engenheiros agrônomos e ao nosso ofício. Traremos a cobertura da solenidade na próxima edição do JEA.

A AEASP presta sua homenagem a todas as mulheres e, em particular, às engenheiras agrônomas. Como março foi o mês delas, achamos mais que justo dedicar a nossa matéria de capa desta edição ao excelente desempenho das profissionais da agronomia no mercado de trabalho, destacando alguns perfis, de diferentes gerações, que enchem a categoria de orgulho.



FOTO: DIVULGAÇÃO

### Henrique Mazotini

é presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP)

## Brasileiro ilustre

O engenheiro agrônomo Harri Lorenzi recebeu a Veitch Memorial Medal da The Royal Horticultural Society, em Londres. Trata-se de uma das maiores premiações na área de botânica no mundo. A The Royal Horticultural Society foi fundada em 1870 e anualmente concede a condecoração a personalidades mundiais, sendo

Lorenzi o primeiro brasileiro. Lorenzi, que já recebeu a Medalha Joaquim Eugênio de Lima, da AEASP, tem experiência na área de Botânica, com ênfase em Taxonomia de Fanerógamos, especialmente em Areceaceae. É fundador e diretor do Jardim Botânico Plantarum, em Nova Odessa (SP).



## Pelos interesses da categoria

O Colégio de Entidades Regionais de São Paulo (CDER-SP) é um fórum consultivo do Crea-SP para discutir assuntos de interesse das profissões abrigadas pelo sistema Confea-Crea e credenciadas no Crea-SP. Seu objetivo é propor projetos de interesse geral das categorias e políticas de formação, especialização e



atualização do conhecimento. Luis Roberto Graça Favoretto, diretor de Valorização Profissional

da AEASP, foi indicado pela entidade para ter um assento nesse fórum.

## Embrapa territorial

Desde janeiro de 2022, a Embrapa Territorial está sob novo comando. A chefia geral é do engenheiro agrônomo Gustavo Spadotti Amaral Castro. O novo chefe terá um mandato de dois anos,

prorrogável por até duas vezes de igual período. Spadotti é doutor em Agricultura (Fitotecnia) pela Faculdade de Ciências Agrônomicas da Unesp/Botucatu. Ingressou na Embrapa Amapá, em 2012

e transferiu-se, em 2015, para a então Embrapa Monitoramento por Satélite. Em 2017, tornou-se coordenador do Grupo de Gestão Territorial Estratégica (GGTE) da Embrapa Territorial.

## Assistente agropecuário

Em consonância com os interesses da categoria agrônômica, a AEASP enviou ao vice-governador do Estado de São Paulo, Rodrigo Garcia, um ofício no qual solicita atenção especial para a realização da chamada dos concursados remanescentes do concurso para assistentes agropecuários sancionado em 2018 e prorrogado até 19 de março de 2022. Essa chamada, além de gerar oportunidade para muitos profissionais, é fundamental para preencher os quadros técnicos da SAA que estão defasados. A AEASP aguarda resposta da SAA.

## Clube dos Agrônomos de Campinas

No dia 28 de março, o Clube dos Engenheiros Agrônomos de Campinas (SP) completou 84 anos de vida. A história do CAC se entrelaça à trajetória da AEASP, uma vez que a ideia da associação surgiu entre seus membros. Atualmente, a diretoria executiva é presidida por Ana Meire Figueiredo, também diretora administrativa da AEASP, e o Conselho Deliberativo está sob o comando de Henrique Mazotini, presidente da AEASP.

## Casa nova

Após 19 anos na Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA), o engenheiro agrônomo Diógenes Kassaoca se despede para assumir a posição de gerente de mercado na Ceasa Campinas. Sua missão será alinhar a central aos desafios da próxima década. "Esse é um momento propício para traçar uma estratégia de desenvolvimento fortemente baseada nos princípios de sustentabilidade (ESG), consolidando cada vez mais a importância desse mercado de garantia", declara o profissional. Na SAA, ele ocupou vários cargos, o mais recente como coordenador da Coordenadoria de Desenvolvimento de Agronegócios (Codeagro). Ele é membro do Conselho Fiscal da AEASP.



## DESPEDIDA

Faleceu em Ribeirão Preto (SP), em 24 de março, Eduardo Algodal Zabrockis, sócio da AEASP, aos 80 anos. Formado pela ESALQ-USP, integrou a tradicional República Jacarepaguá, da ESALQ. Foi um dos grandes nomes do setor bioenergético e ajudou a fomentar o Proálcool. Ele também atuou como consultor na execução de projetos de diversas usinas. Recentemente, estava à frente da Agrineg Consultoria & Serviços. Deixa a esposa, Joana, e cinco filhos: Renata, Jorge, Paola, Vitor e Cristiane.



GESTÃO PARA O TRIÊNIO 2022/2024

**DIRETORIA EXECUTIVA**

**Presidente** Henrique Mazotini  
**Vice-Presidente** Carlos Gomes dos Santos Cortes

**Diretora Administrativa** Ana Meire Coelho Figueiredo  
**Diretora Administrativa Adjunta** Francisca Ramos de Queiroz  
**Diretor Financeiro** Celso Roberto Panzani  
**Diretor Financeiro Adjunto** José Eduardo Abramides Testa  
**Diretora de Comunicação Social** Tais Tostes Graziano  
**Diretora de Atividades Promocionais** Waldenilza Monteiro Vital Alfonsi  
**Diretor de Valorização Profissional** Luis Roberto Graça Favoretto  
**Diretor de Valorização Profissional Adjunto** Glauco Eduardo Pereira Cortez  
**Diretora de Valorização Profissional Adjunta** Gisele Herbst Vazquez

**CONSELHO DELIBERATIVO**

Aldir Alves Teixeira  
Angelo Petto Netto  
Arlei Arnaldo Madeira  
Arnaldo Antonio Bortoletto  
Daniel Antonio Salati Marcondes  
Décio Zylbersztajn  
Fernando Gallina  
Guilherme Luiz Guimarães  
José Augusto Maiorano  
Luiz Antonio Pinazza  
Pedro Shiguero Katayama

**CONSELHO FISCAL**

**TITULARES:**  
Celso Luiz Rodrigues Vegro  
Diogenes Kassaoka  
Renata Íride Longo

**Suplentes:**

Benedito Eurico das Neves Filho  
Cássio Roberto de Oliveira

**JORNAL DO ENGENHEIRO AGRÔNOMO**

**CONSELHO EDITORIAL**

Tais Tostes Graziano (Coordenação)  
Adriana Mascarete Labinas  
Ana Meire C. Figueiredo  
Gisele Herbst Vazquez  
Guilherme Luiz Guimarães  
João Sereno Lammel

**Secretária**

Alessandra Copque

**Jornalista Responsável:**

Adriana Ferreira (MTB 42376)

**Produção:** Acerta Comunicação

**Revisão:** Verônica Zanatta

**Diagramação:** iaiáDesign

**Projeto Gráfico:** Janaina Cavalcanti

**Foto da Capa:** istock

**Tiragem**

3 mil exemplares

Os artigos assinados e opiniões expressas nas matérias e entrevistas deste veículo não refletem necessariamente os posicionamentos da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo.

**Cosag faz homenagem à ministra**

Em 18 de março, a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, participou de encontro no Conselho Superior do Agronegócio (Cosag) da Fiesp e recebeu uma homenagem, a escultura "O Semeador". O gesto é uma forma de reconhecer o desempenho da ministra à frente do Mapa, no momento em que ela

se prepara para deixar o cargo e concorrer ao Senado. Emocionada, ela dedicou o prêmio a todos os produtores rurais brasileiros. Representando a AEASP, que possui cadeira no Conselho, o presidente da AEASP, Henrique Mazotini, participou, de forma virtual, do evento.

**Trabalho reconhecido**

O projeto de implementação da RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural), no Parque Florestal São Marcelo, desenvolvido pelo Instituto de Pesquisas Ambientais (IPA), em conjunto com a empresa Sylvamo, foi um dos 19 contemplados no 28º Prêmio Expressão de Ecologia, um dos mais importantes e

antigos reconhecimentos ambientais do país. O trabalho foi desenvolvido pelo engenheiro agrônomo e diretor do Departamento de Gestão do Conhecimento do IPA, Luiz Mauro Barbosa, junto com a equipe e estudantes de pós-graduação, e executado pela Sylvamo, com quem o Instituto possui parceria.

**LEGADO**

**Relançamento da campanha**

Rede Allysson Paolinelli encaminha documento para o comitê do Nobel da Paz e reforça campanha pela indicação do engenheiro agrônomo para o prêmio

Em janeiro deste ano, foi relançada a campanha pela indicação do engenheiro agrônomo Allysson Paolinelli para o Prêmio Nobel da Paz.



De acordo com o engenheiro agrônomo Ivan Wedekin, coordenador técnico da Rede Paolinelli, que reúne instituições apoiadoras da

indicação, foi enviado um documento confidencial para o comitê norueguês do Nobel em 30 de janeiro de 2022.

A indicação formal foi feita pelo diretor da ESALQ-USP, Durval Dourado Neto, e contou com 183 cartas de apoio, representando 74 países. Metade dessas cartas tem origem na academia e engloba instituições de ensino, professores, reitores, órgãos de pesquisa dentro e fora do Brasil. "Isso mostra a importância que a academia enxerga no trabalho do Paolinelli", comenta Wedekin.

Esse processo de avaliação do comitê do Nobel, que faz a escolha dos premiados, se estenderá até outubro, quando o órgão faz a divulgação do vencedor. A entrega será em Oslo, capital da Noruega, no começo de dezembro. O comitê recebe acima de 300 indicados.

"Estamos fazendo uma campanha de divulgação, de comunicação sobre a indicação

do Paolinelli, temos, por exemplo, o site e o livro. E continuamos com o projeto de valorização do Paolinelli no Brasil e no exterior", explica o coordenador.

"Estamos fazendo uma campanha de divulgação, de comunicação sobre a indicação do Paolinelli, temos, por exemplo, o site e o livro. E continuamos com o projeto de valorização do Paolinelli no Brasil e no exterior", explica o coordenador.

**Longa jornada por alimentos para a paz**

"Ao longo dos últimos 50 anos, Paolinelli construiu uma jornada pelo desenvolvimento da agricultura e do agronegócio brasileiro, que gerou toda a expansão da agricultura e o desenvolvimento dos cerrados e transformou o Brasil num dos maiores exportadores mundiais de alimentos e reduziu o custo da alimentação na estrutura de gastos das famílias. E transformou o Brasil, que era importador de alimentos, no maior saldo da balança comercial agrícola do mundo", destaca Wedekin.

Ele ainda acrescenta que esse processo gerou uma melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nas regiões de agricultura pujante, crescendo mais que as regiões não agrícolas. "Esses são os argumentos que justificam a indicação do Paolinelli", conclui.

Aos 85 anos, o engenheiro agrônomo mantém uma rotina extensa de palestras, participações em eventos e atendimento à imprensa.

# Classificação dos registros de 2021

\*Tulio Teixeira de Oliveira

**A**pós formação de dossiê, realização de testes, análises e cumprimento de exigências dos órgãos federais Anvisa, Ibama e Mapa, a empresa recebe o certificado de registro para comercialização.

Em 2021, foram registrados 191 ingredientes ativos em grau técnico. Apenas dois podem ser carimbados de novos produtos, o restante foi de produtos equivalentes.

Já os produtos formulados, foram 372, dois dos quais foram posteriormente cancelados.

Quando divididos por finalidade de uso, os formulados se apresentaram assim:

QUADRO DO USO AGRÍCOLA	
Herbicida = 139	Fungicida = 147
Inseticida = 125	Acaricida = 34
Nematicida = 16	Bactericida = 03
Feromônio = 02	Microbiológico = 56
Regulador de crescimento = 16	Biológico = 09
TOTAL = 547 (Alguns têm mais de uma finalidade)	

Na indicação para culturas, embora não tenhamos contabilizado, foi possível observar que as culturas indicadas aumentaram em variação, principalmente pela utilização mais frequente da normativa para CSFI. Não esquecer também que os produtos biológicos e microbiológicos podem ser aplicados em qualquer cultura.

No tocante à classificação toxicológica, percebemos que quase a totalidade dos produtos formulados já migrou da classificação por Classe para Categoria, como determinou a Anvisa, ao adotar os parâmetros do GHS - Sistema Globalmente Harmonizado, da Classificação e Rotulagem de Produtos Químicos.

Observar que a caveira inserida na faixa colorida do rótulo só é usada, agora, nas categorias 1, 2 e 3.

Um quadro por produtos tem a seguinte configuração para os registros de 2021:

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO TOXICOLÓGICA	
Produtos Não Classificados (sem faixa)	27
Produtos Categoria 5 (faixa azul)	197
Produtos Categoria 4 (faixa azul)	69
Produtos Categoria 3 (faixa amarela)	27
Produtos Categoria 2 (faixa vermelha)	7
Produtos Categoria 1 (faixa vermelha)	4



FOTO: DIVULGAÇÃO

Números que indicam a grande prevalência dos produtos de baixíssima toxicidade. É realmente uma vitória da sociedade, pois a realidade era bem diferente há poucos anos.

Quanto à classificação do potencial de periculosidade ambiental, os números são estes:

QUADRO AMBIENTAL	
Produtos Classe IV	85
Produtos Classe III	112
Produtos Classe II	128
Produtos Classe I	02

Quando o produto é indeferido, o Ibama classifica como PIOR – Produto Impeditivo de Obtenção de Registro, mas não entra na tabela.

Como é perceptível, a toxicidade ambiental se apresenta com mais resiliência para melhorar sua média de periculosidade. Na esfera ambiental, os estudos abrangem um número maior de fatores e espécies a considerar, por isso é compreensível a maior dificuldade para diminuir a média da periculosidade. 🐦

\*Tulio Teixeira de Oliveira é engenheiro agrônomo  
[www.aenda.org.br](http://www.aenda.org.br) / [aenda@aenda.org.br](mailto:aenda@aenda.org.br)

**A = ENDA**  
 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
 DEFENSIVOS PÓS-PATENTE

# Engenheiras agrônomas avançam em posições de destaque

Elas continuam sendo minoria, mas a qualidade das profissionais atuantes no mercado é notória

Por Adriana Ferreira e Sandra Mastrogiacomio

**N**as áreas da engenharia, agronomia e geociências, as mulheres representam 15% do total de profissionais registrados no Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea). Especificamente na Engenharia Agrônoma, a representação é de 19%. Dos 117.626 mil engenheiros agrônomos existentes no país, 22.849 mil são do sexo feminino.

Em 2011, a parcela de mulheres na agronomia era de 17%. Em termos de expansão, esse aumento de 2% em uma década é pouco e mostra que ainda há um longo caminho a ser percorrido pela igualdade de gênero. Porém, observa-se que elas vêm ocupando posições cada vez mais importantes em diversos segmentos.

E não é de hoje que a força feminina se destaca na agronomia, muitas profissionais fizeram e fazem história, servindo como fonte de inspiração. É o caso de **Veridiana Victoria Rossetti**, a primeira mulher a se formar como engenheira agrônoma pela ESALQ-USP, em 1937, e única mulher a receber a Medalha Luiz de Queiroz, reconhecimento máximo atribuído pela instituição aos profissionais que contribuíram para o desenvolvimento da Agronomia. É reconhecida nacional e internacionalmente como uma das maiores autoridades em doenças das plantas cítricas. Faleceu em 2010, aos 93 anos de idade.

**Mônika Carneiro Meira Bergamaschi** foi a primeira mulher a ocupar o cargo de secretária de Estado da Agricultura em São Paulo, em 2011. Foi eleita pela revista *Forbes* a mais influente do ano de 2005 no setor de Agronegócio. No ano passado, fez parte da lista das 100 Mulheres Poderosas do Agro, novamente pela *Forbes*. Atualmente é presidente do Conselho Diretor, e vice-presidente da Abag de Ribeirão Preto, onde comanda o "Agronegócio na Escola", projeto educacional que visa aproximar o campo da cidade.

Não se pode deixar de mencionar que a autoridade máxima do agro na esfera pública é uma engenheira agrônoma, a ministra da Agricultura, **Tereza Cristina**. Com uma trajetória bastante conhecida, é produtora rural, atuou como executiva em multinacionais, ocupou posições em entidades de classe, foi deputada federal por dois mandatos e desde 2019, está à frente

do Mapa, onde tem sido reconhecida por seus esforços para promover a agropecuária nacional.

Além dessas profissionais, pioneiras, cujas trajetórias são bastante conhecidas, há muitas mulheres abrindo caminhos e fazendo a diferença, por isso o JEA traz alguns perfis que ilustram a qualidade da participação feminina em vários segmentos.

## Empreendedoras

Dana **Kátia Meschede** é filha de comerciantes e quase estudou Medicina, mas decidiu pela Agronomia e se graduou pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (FFALM). Mestre e doutora em Agricultura, pela FCA-Unesp, Botucatu, durante anos se dedicou ao ensino e pesquisa em diversas universidades.

Em 2013, usou todo o conhecimento acumulado para empreender, abriu a Dana Agro Science, empresa de tecnologia e inovação, que realiza pesquisa e desenvolvimento de novos produtos nas culturas de soja, milho, feijão, algodão e cana-de-açúcar, situada no município de Tarumã (SP).

Em 2019, foi uma das 21 selecionadas do projeto Mulheres Inovadoras, iniciativa da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) para apoiar o empreendedorismo feminino no Brasil. No ano passado, foi considerada pela revista *Forbes* como uma das 100 mulheres mais influentes do agronegócio brasileiro.

Este ano, a Dana agro foi selecionada entre mais de 100 startups para apresentar sua tecnologia na Agrifutura, evento organizado pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Filha de produtor rural, **Elizana Baldissera Paranhos** cresceu no campo e nunca teve dúvidas em seguir as Ciências Agrárias. Formada pela FCA-Unesp Botucatu, possui mestrado em Agronomia pela Universidade de Tecnologia e Agricultura de Tóquio e MBA em Agronegócios pela ESALQ-USP. Elizana é sojicultora em Capão Bonito (SP) e gosta de dizer que foi a agricultura que a escolheu. Na safra de 2014/2015 foi a campeã do Desafio de Máxima Produtividade de Soja do Comitê Estratégico Soja Brasil (CESB) da Região Sudeste. Ela colheu mais de 122 sacas de soja por hectare em sua propriedade quando, na mesma safra, a média nacional foi de 61 sacas por ha.

Além do prêmio, esse marco fez com que Elizana se tornasse membro efetiva do Comitê Estratégico Soja Brasil (CESB), entidade sem fins lucrativos e que reúne profissionais e pesquisadores para trabalharem estrategicamente em prol da sojicultura nacional.

Uma das 100 mulheres poderosas do agronegócio, elencadas pela revista *Forbes*, ela segue obtendo ganhos de produtividade expressivos em sua fazenda e tornou-se uma referência no assunto. A engenheira agrônoma é a idealizadora do projeto Ninho, que desenvolve hortas nas escolas de Capão Bonito. E ainda é membro da diretoria da Associação De Olho no Material Escolar, que busca a atualização do ensino em relação ao agronegócio brasileiro, e do Núcleo Feminino do Agronegócio (NFA).

A produtora rural **Priscila Silvério Sleutjes** é formada em agronomia pela FCA-Unesp Botucatu. Pela mesma instituição possui mestrado na área de proteção de



Kátia Meschede



Elizana Baldissera Paranhos



Priscila Silvério Sleutjes



Maria Luiza Nachreiner

plantas e especialização em gestão ambiental e de recursos hídricos em Bacias Hidrográficas.

Ela atuou em empresas privadas e também passou pela administração pública como a secretária municipal da Prefeitura de Paranapanema (SP).

Tem forte atuação em entidades representativas. Foi vice-presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema, diretora-executiva da Associação do Sudoeste Paulista de Irrigantes e Plantio na Palha (ASPIPP), membro titular da Comissão Nacional de Irrigação da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

Desde 2019, preside a Câmara Temática de Agricultura Sustentável e Irrigação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Além da atividade política, é sócia-diretora da Quinta do Jacarandá, Localizada em Avaré (SP), empresa focada na produção de soja, milho, feijão, sorgo e trigo.

#### Executivas

A trajetória de **Maria Luiza Nachreiner** é cheia de particularidades. Nascida no interior de São Paulo e filha de mãe solo, foi criada em um ambiente no qual a mãe e a avó sempre trabalharam fora. Foi a primeira de sua família a ingressar na faculdade. Aos 18 anos, mudou-se para Piracicaba (SP) para estudar agronomia na ESALQ-USP. Fez MBA Executivo pela Universidade de Pittsburgh e outro MBA em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

No último ano da faculdade foi contratada como estagiária pela Monsanto, que posteriormente veio a ser adquirida pela Bayer, onde está até hoje.

Depois de formada, mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde estava localizada a base de operações da Monsanto. Com o bom trabalho realizado ao longo dos primeiros anos, Malu, como é conhecida, foi promovida e fez as malas para São Paulo.

Em 17 anos de empresa, passou pelos setores de vendas, marketing e gerenciamento de produtos e foi conquistando espaço. Em agosto de 2019, após a compra da Monsanto pela Bayer, com apenas 40 anos, ela assumiu a presidência da divisão agrí-

cola. E a promoção tem um mérito a mais: é a primeira vez que uma companhia do porte da Bayer tem, no Brasil, uma mulher no comando.

Graduada em Engenharia Agrônoma pela Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista (ESAPP) e em Marketing e Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), **Mércia Alessandra Maróstica da Costa** consolidou sua carreira em multinacionais de grande porte. Em 1992, iniciou sua trajetória na Dow AgroSciences como representante de vendas, tornando-se a primeira mulher da empresa na América Latina a trabalhar no campo. Quatro anos depois, assumiu a posição de especialista de pesquisa de mercado, e, em 1998, tornou-se gerente de vendas para as regiões Norte e Nordeste, posteriormente, tornando-se responsável por São Paulo e Minas Gerais. Em 2004, ela passa a gerenciar nacionalmente a linha de pastagem da companhia.

Três anos mais tarde, Mércia se torna diretora de Negócios da unidade agrícola da Pfizer Saúde Animal, depois, assume a diretoria de Negócios de Suínos da companhia, onde permaneceu até janeiro de 2011, quando abriu a sua própria empresa de consultoria.

Em paralelo ao agronegócio, ela é uma das sócias-fundadoras do projeto Belas Urbanas, blog criado em 2015 com o propósito de fortalecer mulheres por meio do autocuidado e da arte.

Além de agrônoma, a paranaense **Diogenes Panchoni** também se formou em Jornalismo, ambas graduações pela Universidade Estadual de Londrina e desenvolveu sua carreira em grandes companhias do agro.

Ela ingressou no mercado em 1984, na Cooperativa Agropecuária de Rolândia, teve passagem também pela Pioneer Sementes e depois foi contratada pela Zeneca. Em 2000, entrou na Dow AgroSciences como especialista de Marketing. Com a compra da Dow pela gigante chinesa LongPing High-Tech, líder no mercado de sementes daquele país, ela continuou na empresa e abraçou novos papéis. Hoje, ocupa o cargo de líder de Marketing da Morgan Sementes, marca premium de sementes de híbri-



Mércia Alessandra Maróstica da Costa

dos de milho da LongPing High-Tech.

“O que me fascina neste mercado é o desafio de anualmente entregar o melhor produto (híbrido de milho), com a melhor recomendação de uso, acrescentando ainda a qualidade. Um tripé que dá suporte aos avanços contínuos da cultura do milho e que possibilita o sucesso de toda a cadeia produtiva”, diz ela.

Diogenes conta que se sente realizada por ter participado do crescimento do fenômeno “safrinha” e de “ter contribuído para que o milho saísse do Sul e ganhasse o Brasil inteiro”. Ela também participou da introdução dos transgênicos no país e diz que se orgulha de atuar num mercado onde é possível aumentar continuamente a produção, sem a necessidade de incorporar áreas ainda não agricultáveis. E manifesta satisfação por ter atuado em empresas que permitiram seu constante aprimoramento e, “principalmente, poder trabalhar em condições de igualdade”.

#### No mercado financeiro

A mineira **Fabiana Alves** formou-se em agronomia pela Universidade Federal de Viçosa (1992), é pós-graduada em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) e possui MBA com foco em desenvolvimento organizacional e finanças pela Universidade da Califórnia (EUA). Nessa instituição, recebeu o prêmio Beta Gama Sigma, concedido aos melhores estudantes de cada escola de MBA de todo o território americano.

Iniciou a carreira em uma startup de produção de leite, integrada com uma pequena usina de processamento. Nos oito anos em que esteve na fazenda, diz que aprendeu a lidar com incertezas, múltiplas tarefas e a coordenar equipes.

Terminada a sua pós-graduação, resolveu mudar da área técnica para a de administração e integrou o time



Diogenes Panchoni

da Sucos Del Valle. Ela conta que teve a honra de fazer parte da equipe que tirou a fábrica do chão, criando um segmento de sucos que até então era inexpressivo no Brasil. Foi na Del Valle que ela sedimentou seu conhecimento, integrando aspectos de produção, controladoria e administração.

Depois dessa experiência, Fabiana atuou em projetos de consultoria para outras empresas do agro. Em 2008 ingressou no Rabobank, banco holandês especializado em agronegócio, onde hoje é diretora executiva.

#### Ensino e pesquisa

A pesquisadora **Maria de Lourdes Mendonça Santos Brefin** é graduada em Agronomia pela Universidade Estadual do Maranhão, mestre em Ciências do Solo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mestre em Ciências Ambientais pela École Polytechnique Fédérale de Lausanne, na Suíça, e doutora em Ciências, Pedologia e Geomática pela mesma instituição). Ela ainda possui pós-doutorado em Mapeamento Digital de Solos pela The Sydney University, na Austrália.

Lourdes trabalha na Embrapa desde 1990 e liderou vários projetos nacionais e internacionais. Foi chefe-geral da Embrapa Solos entre 2009 e 2014. Em 2016, assumiu a chefia geral da Embrapa Cocais, em São Luís (MA), retornando à chefia da Embrapa Solos em julho de 2021.

A engenheira agrônoma sempre



Fabiana Alves



Maria de Lourdes Mendonça S. Brefin

desenvolveu pesquisas na área de Solos em interface com Geomática e, principalmente, nas áreas de Pedologia Quantitativa e Modelagem Solo-Paisagem por meio de Mapeamento Digital de Solos. Ela também tem atuado fortemente em redes globais de pesquisa do solo.

Ela é membro da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo e já fez parte do Intergovernamental Technical Panel on Soil (ITPS), da Aliança Mundial para o Solo (AMS) da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO).

Nascida na capital paulista e criada em Itapetininga, interior do Estado, **Mariangela Hungria da Cunha** é filha e neta de professoras e pai veterinário. Aos 17 anos foi estudar no renomado colégio Rio Branco, onde conseguiu uma bolsa. Estudiosa e considerada “CDF”, chegou a ser reconhecida como a melhor aluna do colégio. Por isso, quando comunicou aos professores que faria Engenharia Agrônoma, tentaram dissuadi-la e chamaram seus pais para conversar, pois, na época, a Agronomia não era bem-vista. Os jovens notáveis eram direcionados para a Medicina.

Resistindo à pressão, mudou-se para Piracicaba (SP) para estudar Agronomia na ESALQ-USP. Tornou-se mestre em Solos e Nutrição de Plantas pela mesma instituição e fez doutorado em Agronomia (Ciência do Solo) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e pós-graduação na Cornell University, University of California,



Tsai Siu Mui

Davis e Universidade de Sevilla.

Reconhecida por seu trabalho com a Fixação Biológica do Nitrogênio, lançou mais de 20 tecnologias com esse tema. Há 40 anos, Mariangela é pesquisadora da Embrapa, lotada no Centro Nacional de Pesquisa de Soja desde 1991.

Em novembro de 2020, foi classificada entre os 100 mil cientistas mais influentes no mundo, de acordo com estudo da Universidade de Stanford (EUA). Também faz parte do Comitê Coordenador da Fundação Bill & Melinda Gates para projetos de fixação biológica do nitrogênio.

Com graduação e licenciatura em Engenharia Agrônoma pela ESALQ-USP, **Tsai Siu Mui** tem mestrado em Ciências pelo Cena-USP e doutorado em Solos e Nutrição de Plantas. Entre 1989 e 1992, fez seu pós-doutorado em ecologia microbiana e em estudos genéticos de fixação biológica de nitrogênio, na Universidade de Califórnia, Davis.

Com pesquisas voltadas para interação planta-microrganismos, simbioses, marcadores moleculares, sequenciamento de genomas, genes de defesa em plantas, ecologia microbiana, desmatamento e conversão do uso da terra com foco nos ciclos biogeoquímicos, Tsai é membro do Comitê Gestor do Fundo Setorial do Agronegócio como representante do setor acadêmico-científico do Ministério da Ciência e Tecnologia e do Comitê Assessor do Programa Ciência Sem Fronteiras (CNPq).

A pesquisadora recebeu prêmios como a Medalha Mérito Científico e Tecnológico, do Prêmio Scopus 2008, prêmio Desafio 2050 no Agronegócio (FAO) e Engenheira Agrônoma do Ano, pela AEASP, em 2017. Em maio de 2008, foi eleita membro titular da Academia Brasileira de Ciências. Atualmente é vice-diretora do Laboratório de Biologia Celular e Molecular da Universidade de São Paulo (Cena/USP).

Mestre em Agronomia e Horticultura pela FCA-Unesp de Botucatu e doutora em Agronomia e Produção Vegetal pela FCAV-Unesp de Jaboticabal, a esalqueana **Rumy Goto** dedicou boa parte de sua vida às atividades acadêmicas.

O início da carreira, na década de 1970, foi difícil. Sem perspectivas de emprego em São Paulo, mudou-se para a Bahia. Foi na Empresa de Pesquisa Estadual da Bahia (Epaba), com sede em Salvador, que ela conseguiu trabalho como pesquisadora da área de Hortaliças, para trabalhar na região de Irecê, no aproveitamento de água subterrânea.

Na época, não havia quase nada de produção de hortaliças e pouca tecnologia. Ela, então, desenvolveu projetos com as culturas de cebola, tomate, repolho e cenoura. Atualmente, Irecê é considerado um polo importante de cebola e cenoura e Rumy diz se sentir realizada profissionalmente pois fez parte desse processo

De 1989 a 2016 trabalhou na FCA-Unesp de Botucatu. Foi chefe e vice-chefe do Departamento de Horticultura, e presidiu a Associação Brasileira de Horticultura (antiga Sociedade de Olericultura do Brasil) em duas gestões, tendo recebido o Prêmio Marcílio de Souza Dias no ano de 2008, pelo reconhecimento dos associados.

Desenvolveu trabalhos em enxertia de hortaliças e recebeu uma bolsa do Japan International Cooperation Agency (JICA) para aperfeiçoar as pesquisas na área. Também ganhou uma bolsa de pós-doutorado no Instituto Valenciano de Investigaciones Agrarias, em Moncada/Valência, na Espanha. Rumy recebeu vários prêmios e homenagens em reconhecimento ao seu trabalho conferidos por diversas instituições. 🐾

Mariangela Hungria da Cunha



Rumy Goto



# Eduardo Brito Bastos

Com uma participação ativa na COP26, o engenheiro agrônomo avalia que o agronegócio brasileiro precisa, sobretudo, investir em governança

Por Adriana Ferreira

**N**a Conferência do Clima das Nações Unidas (COP26), ocorrida em novembro de 2021, em Glasgow, Escócia, o Brasil assinou acordos nos quais se comprometeu a reduzir a emissão do gás metano, proteger as florestas tropicais, zelar o desmatamento ilegal até 2028, cortar emissões de gases de efeito estufa à metade até 2030 e atingir a neutralidade climática em 2050.

A participação brasileira foi cercada de expectativas, visto que o país vem sofrendo críticas e boicotes da comunidade internacional em função de sua política ambiental. Mas, diferentemente da última edição do evento, a atuação da delegação brasileira foi bem avaliada neste ano.

O engenheiro agrônomo Eduardo Brito Bastos era um dos integrantes da comitiva e teve uma atuação destacada. Como diretor de relações institucionais da Bayer, ele representou a companhia e também entidades como Climate Connection, Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) e Coalizão – Brasil, Floresta, Clima e Agricultura. Reuniões e palestras.

“Nas duas semanas de COP e na semana anterior aproveitei para visitar alguns atores relevantes na agenda de clima e agricultura. No total foram mais de 60 eventos, entre cafés, almoços, jantares, eventos públicos e privados, muitos deles transmitidos e gravados”, contou Bastos.

Natural de Ribeirão Preto (SP), ele pertence a uma família ligada à agropecuária. Formado pela ESALQ-USP (1996), possui especialização em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Gestão de Negócios na Fundação Dom Cabral (FDC). Construiu sua carreira em grandes companhias como Novartis, Rhodia Agro



(incorporada pela Aventis), Bayer CropScience e Dow AgroSciences. Também trabalhou como coordenador do inpEV e presidiu a Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC), onde contribuiu para promover a cultura do cacau.

Em 2019, aceitou o convite para retornar à Bayer, onde permanece como diretor de Sustentabilidade para América Latina. “Quando me perguntam o que eu faço, digo que ajudo a derrubar muros e construir pontes. Esse é a minha vocação”, assim se define o executivo, que, com seu perfil diplomático, ajudou a melhorar o diálogo entre o agro brasileiro e os players globais. Nesta entrevista, ele fala de sua percepção sobre a COP26 e dos desafios do Brasil para garantir a sustentabilidade do agronegócio e a boa imagem do setor.

**Como você avalia a participação do Brasil no evento?**

Positiva. O país saiu maior que entrou. Assinamos vários compromissos globais, como zerar desmatamento ilegal até 2030, reduzir as emissões de metano e reforçamos o compromisso de zerar emissões, entre outros. O Brasil era o único país com dois estandes, um mais de governo e outro mais da sociedade civil, e isso ajudou a dar ainda mais voz aos vários atores e projetos. É a maior reunião global focada em clima e pela primeira vez, desde que acompanho, há mais de 20 anos, vi o agro mais ativo e trabalhando junto para mostrar que é parte da solução.

**O que o país precisa fazer para retomar a confiança dos mercados internacionais e assegurar uma produção sustentável?**

Sem dúvida, o ponto mais importante para o mundo é acabar com o desmatamento, notadamente o ilegal, que representa algo em torno de 95% da conversão que é feita no Brasil. Não é aceitável ainda coexistirmos com essa ilegalidade, ainda que boa parte disso não se torne agropecuária, é obrigação nossa, como cidadãos, acabarmos com essa devastação. Como somos um dos cinco maiores exportadores de quase todas as cadeias do agro, precisamos estar atentos às demandas dos nossos clientes.

**Os produtores rurais estão engajados ou é preciso fazer um trabalho de conscientização?**

Estão, na grande maioria. Mas sempre é preciso fazer mais. Olhe o Plano ABC, o plantio direto, o ILPF, quanta coisa boa! Já provamos que podemos fazer uma agricultura sustentável das melhores do mundo. Ainda temos desafios, claro, como os mais de 50 milhões de hectares de pastagens degradadas. Somos o quarto maior produtor e terceiro mais exportador do mundo em pouco mais de 60 milhões de há cultivados. É importante termos essa dimensão da ocupação de território.

**É possível acabar com o desmatamento ilegal com medidas que enfraqueçam as instituições fiscalizadoras e instrumentos de punição, como vêm ocorrendo?**

Claro! Olha os dois extremos nos últimos 20 anos – já tivemos taxas próximas a 200 mil hectares/ano e, no pior momento, chegamos a 2,4 milhões de ha. Hoje, estamos na faixa de 1 milhão de hectares. Já mostramos que é possível reduzir.

**E qual é o caminho para a redução?**

Existem fontes distintas de dados, mas podemos dizer que mais da metade do desmate se dá em áreas públicas, por falta de comando ou pela não destinação de áreas – temos cerca de 50 milhões de ha sem dono no país. Temos cerca de 20% a 30% de desmate em pequenos lotes, o que chamamos de desmatamento social, cuja solução está mais ligada a financiamento de boas práticas atrelado à ATER. Menos de 5% do desmate se dá em grandes e médias propriedades, mas representam mais de 40 milhões de ha que podem ser desmatados à luz da lei. Se a sociedade não quer essa conversão, é pre-

ciso pensar em mecanismos de compensação, como créditos de carbono e/ou pagamento por serviços ambientais.

**A sigla ESG diz respeito à adoção de práticas que favoreçam o meio ambiente, a governança e a responsabilidade social. O senhor tem dito que o Brasil precisa priorizar a governança, por quê?**

Avançamos bastante na agenda ambiental (E) e social (S), reconhecendo que ainda há muito a ser feito. Mas reforço o tema da governança (G), pois não vejo que avançaremos mais se não tivermos um diálogo estruturado entre os atores da agenda de uso do solo. Governança é exercitar esse diálogo, é defender os nossos interesses, de maneira legítima, transparente e articulada. É criar uma forte cultura de apreço à floresta e ao agro, sem esquecer da enorme interdependência desses setores.

**Qual a relevância do Programa de Financiamento de Proteção de Florestas para o Brasil?**

Super-relevante. Dos pouco mais de 60% de áreas protegidas que temos, cerca de 35% estão nas mãos do governo e cerca de 25% nas mãos do setor privado. Boa parte está sob as regras do Código Florestal, ou seja, áreas legalmente protegidas. O que muita gente esquece é que o próprio CF diz, no artigo 41, que os produtores deveriam receber por essa conservação, uma vez que o benefício da floresta é público, mas o custo é privado. O Estado brasileiro está quebrado e todos os recursos para proteger florestas deveriam ser muito bem-vindos.

**Quais os principais desafios que o agro precisa enfrentar para que os créditos de carbono se transformem numa commodity?**

Em 2021, o mercado de créditos de carbono foi superior a US\$ 300 bilhões, o nosso desafio não é transformar em commodity, mas incluir o agro nessa discussão. Para que o carbono de uso do solo, que inclui agro, pecuária, florestas, entre outros, possa ser real, o maior desafio é o MRV – medição, reporte e verificação. O que significa ter um sistema de baixo custo, escalável, tropical e aceito pela ciência e pelo mercado. Fazer esse tripé custa em média duas vezes o valor do crédito e por isso fica claro entender a baixa adesão dos produtores.

**O conflito entre Rússia e Ucrânia aumenta a importância dos produtos do agro brasileiro no exterior?**

Na minha opinião sim. Esses dois países estão entre os maiores do mundo em trigo e milho, só para dar dois exemplos. Se eles não conseguirem plantar neste verão ou mesmo se plantarem e não conseguirem escoar a safra, quem vai suprir o mundo? Não existiam muitos excedentes, agora, com o conflito, a situação tende a se agravar. A China já está aumentando seus estoques e os preços de grãos estão subindo para a maior média histórica em décadas. Não consigo ver muitos países com excedentes de terras, com uma cadeia pronta para atender rapidamente a essa demanda potencial. 🌱

# Quem tem registro no Crea tem mais facilidade para encarar os desafios de cada dia. Basta se associar à Mútua.

A Mútua - Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea foi criada com o objetivo de oferecer benefícios e qualidade de vida aos seus associados. Disponibiliza benefícios reembolsáveis com juros a partir de 0,3% a.m.<sup>1</sup> e benefícios sociais de caráter não reembolsável, mantidos pelo pagamento das anuidades. Planos de saúde e previdência privada também estão dentro do portfólio de vantagens oferecidas pela Mútua. Além de descontos e convênios com diversas marcas para você economizar.

**Tudo isso ao seu alcance.**

## Benefícios Reembolsáveis



### Ajuda Mútua

Auxílio financeiro mensal ao associado que se encontra, temporariamente, desempregado, em caso de invalidez temporária ou, no caso de profissionais liberais, com falta eventual de trabalho

Financiamentos de até **5 salários mínimos / mês**

Juros a partir de **0,2% a.m. + correção<sup>1</sup>**

Reembolso em até **24 meses**



### Equipa Bem

Feito para quem quer investir na profissão e adquirir: veículos, equipamentos, máquinas, aparelhos eletrônicos, softwares, imóveis, reformas, aquisição de energias renováveis e muito mais!

Financiamentos de até **80 salários mínimos**

Juros a partir de **0,2% a.m. + correção<sup>1</sup>**

Reembolso em até **42 meses**



### Garante Saúde

Benefício aos associados que precisam de assistência médica, hospitalar, odontológica, custeio de planos de saúde e aquisição de medicamentos.

Financiamentos de até **80 salários mínimos**

Juros a partir de **0,2% a.m. + correção<sup>1</sup>**

Reembolso em até **36 meses**



### Férias Mais

Ninguém vive somente de trabalho, pois é importante levar uma vida mais saudável e equilibrada. Com esse auxílio, a Mútua te ajuda a tirar suas férias do papel.

Financiamentos de até **40 salários mínimos**

Juros a partir de **0,2% a.m. + correção<sup>1</sup>**

Reembolso em até **30 meses**

## Benefícios Sociais

### Pecuniário

Ajuda por meio de auxílio financeiro mensal ao associado carente de recursos, em evidente necessidade de sobrevivência.

Até **3** salários mínimos

Por até **4** meses

Prorrogável por até **12** meses

### Pecúlio

Garante o pagamento de indenização ao(s) beneficiário(s), em caso de falecimento do associado.

Morte natural  
**R\$ 20.000**

Morte acidental  
**R\$ 40.000**

### Funerário

Garante o pagamento de indenização de auxílio funeral àquele que custear os respectivos encargos.

Até  
**R\$ 6.000**

<sup>1</sup> Será utilizado o menor índice, na comparação entre a média da INPC, IGPM e IPCA e da poupança.

<sup>2</sup> As condições e regras podem ser diferentes para cada benefício.

Acesse [www.mutua.com.br/beneficios](http://www.mutua.com.br/beneficios) e confira as aplicações, particularidades e regulamentos de cada um.

# Mulheres na engenharia sim, ou onde elas quiserem

## É preciso incentivar fontes renováveis com regras ambientais e técnicas mais flexíveis

\**Vinicius Marchese*

**H**á muito se fala sobre a necessidade de romper barreiras impostas pela desigualdade de gênero, presente em todos os setores e esferas da sociedade brasileira. Apesar de ser a grande maioria da população, as mulheres ainda estão sub-representadas na política, no mercado de trabalho, na docência das universidades, no judiciário e, como não poderia ser diferente, também nas áreas da engenharia, agronomia e geociências. Elas representam apenas 15% do total de profissionais registrados no Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea). Corrigir essas distorções e combater o machismo e o sexismo é dever de toda a sociedade.

Diante dos ataques às profissionais envolvidas em uma grande obra de infraestrutura da cidade de São Paulo, acusadas em vídeo veiculado pelas redes sociais de serem as responsáveis por um acidente, o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado de São Paulo (Crea-SP) saiu em defesa das mulheres para que ações como essa sejam repudiadas veementemente.

A qualidade técnica não é avaliada por sexo, gênero, raça ou classe social. O que diferencia um bom profissional de um ruim são suas aptidões, habilidades para desenvolver soluções e competências para lidar com os desafios impostos pela carreira e pelo mercado. Não há espaço, em pleno ano de 2022, para condutas desse tipo. O Crea-SP não compactuará com comportamentos preconceituosos e discriminatórios contra quem quer que seja.

É preciso entender a importância – e a urgência – de mulheres ocuparem espaços que, até então, eram considerados majoritariamente masculinos. Caso da área tecnológica, que historicamente é associada aos homens. Se antes as mulheres não eram associadas a essas profissões, o último censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) aponta que 37,3% dos formandos em cursos de graduação de engenharia, produção e construção são do sexo feminino.

O compromisso assumido pelo Conselho tem produzido resultados importantes para fomentar a inclusão e a diver-



FOTO: DIVULGAÇÃO

sidade de gênero. Somos signatários da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) e fortalecemos o nosso propósito em prol da equidade de gênero. Nossa missão é aumentar a participação das mulheres das engenharias, agronomia e geociências, no Sistema Confea/Crea, nas associações de classe e em suas profissões, mostrando que elas devem atuar em todas essas áreas e nos mais diversos cargos.

Perante os obstáculos que elas enfrentam em suas profissões, como jornada dupla, preconceito e assédio, estamos nos mobilizando por um futuro mais justo e para promover e alcançar a equidade de gênero. Por isso, instituímos o Comitê Gestor do Programa Mulher, uma iniciativa criada pelo Confea, e que tem como principal meta cumprir com o Objetivo de

Desenvolvimento Sustentável (ODS) de número 5 da Agenda 2030, que versa, justamente, sobre a igualdade de gênero e o empoderamento feminino.

Foi a partir desse movimento que produzimos a Cartilha do Programa Mulher do Crea-SP, que traz um panorama sobre a realidade atual das mulheres no mercado de trabalho e os desafios para superar essa condição de desigualdade. Promovemos, ainda, um primeiro encontro do Programa Mulher em São Paulo. Mais de 400 mulheres da área tecnológica puderam compartilhar suas experiências e trajetórias, além de ouvir boas histórias de diferentes perfis de mulheres que se destacam em diferentes ambientes.

É o momento de discutirmos sobre como – e quanto – o machismo impacta diretamente a vida de milhões de mulheres, em todas as classes sociais. Afinal, a previsão do Relatório de Desigualdade Econômica e Gênero de 2021, do Fórum Econômico Social, é de que levaremos 135,6 anos para o mundo chegar a uma paridade de gênero. Ainda que o caminho seja longo, não é possível retroceder. Sabemos que há muito a ser enfrentado, mas uma certeza segue inabalável: o debate não pode acontecer a partir de uma ótica machista e excludente. 🐦

---

\**Vinicius Marchese é engenheiro de telecomunicações e presidente do Crea-SP*  
Instagram: @viniciusmarchese



# Rumos da AEASP

## A nova diretoria da associação e as perspectivas para a gestão que se inicia

Por Adriana Ferreira

**A** chapa única "AEASP para o Futuro" foi eleita em outubro de 2021, tomou posse em dezembro e conduzirá a AEASP pelos próximos três anos. Em sua maioria, a nova diretoria é composta por profissionais que têm longa participação nas atividades da associação e demais entidades associativistas.

O novo presidente, Henrique Mazotini, sempre esteve ligado à AEASP, tendo sido diretor e vice-presidente em outros mandatos. Ele é formado pela Faculdade de Agronomia e Zootecnia "Manoel Carlos Gonçalves" (UniPinhal), em 1973, e trabalhou durante 25 anos na indústria de defensivos agrícolas.

Foi diretor da Associação Brasileira de Marketing Rural (ABMR), vice-presidente da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) de 2012 a 2017. Presidente do Conselho Deliberativo do Clube dos Agrônomos de Campinas (CAC). Presidente-executivo da Associação Nacional dos Distribuidores de Insumos Agrícolas e Veterinários (Andav) e é membro efetivo do Comitê Temático de Insumos Agropecuários (CTIA) do Mapa e conselheiro do Conselho Superior do Agronegócio (Cosag) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Em 2009, foi premiado na Cerimônia Deusa Ceres com a Medalha Fernando Costa na categoria Iniciativa Privada.

Mazotini diz que honrará a missão da AEASP de defender e valorizar a agronomia e o engenheiro agrônomo, em consonância com as entidades parceiras e afins, sempre com o compromisso de promover o associativismo, a cidadania, a ética e a sustentabilidade social, econômica e ambiental.

"Com o apoio de diretores e conselheiros qualificados, fortaleceremos parcerias que visem a benefícios para os associados da AEASP. Também pretendemos aumentar a proximidade com as universidades, no intuito de atrair os jovens para o nosso quadro de associados", diz.

Ele acrescenta que a entidade montará ainda uma agenda constante de eventos e seminários, para a divulgação de conhecimento técnico aos associados, além de ampliar a divulgação dos trabalhos associativos, por meio das mídias sociais.

O vice-presidente, Carlos Gomes Côrtes, é um veterano na AEASP e já presidiu a entidade entre 1988 e 1989. Ele considera que o ponto forte de sua gestão, à época, foi a união dos profissionais e o envolvimento dos centros acadêmicos nos temas relativos à valorização profissional.

Formado pela Universidade Federal de Lavras (MG), turma de 1961, iniciou sua carreira na Casa da Lavoura de Aguaí (SP),



Presidente, Henrique Mazotini



Vice-presidente, Carlos Gomes Côrtes

hoje Casa da Agricultura. Foi supervisor e delegado agrícola na cidade de São João da Boa Vista (SP), diretor da Divisão Regional Agrícola de Campinas, coordenador da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) por duas vezes e assessor técnico de seis secretários de Agricultura do Estado de São Paulo. Participou e liderou movimentos associativos. Também foi candidato a prefeito de Aguaí (SP). Um dos momentos mais marcantes de sua carreira, como ele menciona, foi receber, pela AEASP, o prêmio de Engenheiro Agrônomo do Ano, na Cerimônia da Deusa Ceres, em 1990.

Côrtes declara que é uma sensação boa voltar à AEASP. "Me faz pensar que ainda posso colaborar de alguma forma com a entidade. Pretendo participar de alguns projetos de nosso presidente e também reforçar a união entre Faesp/Senar e AEASP."

"Deverei manter contatos com 30 sindicatos rurais que têm engenheiros agrônomos e apresentar pelo menos dois eventos. Objetivo maior é aumentar o quadro dos profissionais na AEASP." E conclui: "Tem muita coisa simples por fazer".



Diretor de Valorização Profissional,  
Luis Roberto Graça Favoretto



Diretor Adjunto de Valorização Profissional,  
Glauco Eduardo Cortez



Diretora Adjunta de Valorização Profissional,  
Gisele Herbst Vazquez

A valorização do engenheiro agrônomo é um dos pilares mais importantes da atuação da AEASP, por isso, a área conta com um diretor e dois diretores adjuntos. Luis Roberto Graça Favoretto é o novo diretor de Valorização Profissional da associação. Formado pela Faculdade de Agronomia e Zootecnia “Manoel Carlos Gonçalves” (UniPinhal), em 1973, iniciou sua carreira na região norte do Paraná no desenvolvimento do sistema de Plantio Direto. Em 1976, passou a atuar na área regulatória, para a qual dedicou toda a sua carreira, em grandes empresas do setor, como ICI Brasil e Monsanto, e encerrando a carreira, por um período curto, na Bayer.

Foram dezenas de aprovações de herbicidas, inseticidas, fungicidas, produtos para uso em campanhas de saúde pública, entre outros. Participou ativamente das associações, instituições e das discussões das matérias e legislações ligadas ao setor. Destaca-se o trabalho com o apoio de diversas instituições de pesquisa, de monitoramento ambiental da primeira cultura geneticamente modificada aprovada no Brasil e a consequente publicação do livro de resultados. Em 2014, recebeu da AEASP a Medalha Fernando Costa em Iniciativa Privada.

Com essa bagagem, Favoretto fala de seus planos para a AEASP. “Tenho por objetivo, juntamente com o apoio de diretores e conselheiros da AEASP, levar um pouco da nossa experiência aos futuros profissionais da

agronomia, pelos meios de comunicação e também em reuniões presenciais nas faculdades”, declara.

Além de apresentar as diferentes áreas de atividade e desafios do engenheiro agrônomo aos jovens, o diretor também pretende mostrar a importância da atualização técnica e da participação ativa nos conselhos de classe das associações, assim como o conhecimento da legislação que rege a atividade. “Acredito que são pontos importantes também para muitos profissionais já inseridos no mercado de trabalho”, conclui Favoretto.

A diretora adjunta de Valorização Profissional da AEASP, Gisele Herbst Vazquez, acredita que a associação deve participar ativamente da vida em sociedade, em particular dos meios frequentados pelos engenheiros agrônomos.

A nova gestão pretende trazer o profissional recém-formado para dentro da entidade. “Pensamos em atuar em parceria com as instituições de ensino, oferecendo palestras com vistas a agregar conhecimentos tanto na área técnica quanto na área de atribuição e legislação profissional, contribuindo para a formação de um profissional pleno e ético”, detalha Gisele.

“A ideia é despertar o interesse do recém-formado em participar da vida associativa e, para isso, nada melhor que o exemplo seja a contribuição voluntária de alguns dos sócios que a AEASP possui e que são verdadeiros “expoentes” da Agronomia. Finalmente, pensamos que a aproximação da AEASP com as instituições de ensino pode favorecer a qualidade do ensino da Agronomia no Estado de São Paulo”, conclui a engenheira agrônoma.

Gisele é graduada pela ESALQ-USP (1986), com mestrado em Agronomia (Fitotecnia) pela mesma instituição e doutorada em Agronomia (Produção e Tecnologia de Sementes) pela FCAV-Unesp, Jaboticabal. Professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ciências Ambientais e do curso de graduação em Agronomia da Universidade Brasil (UB), onde ministra disciplinas nas áreas de Biodiversidade, Paisagismo, Sementes e Agricultura. Em 2007, passou a integrar o banco de avaliadores do Inep-BASIS. Conselheira titular do Crea-SP (2012-2017), reeleita em 2021 como representante mais votada da AEASP. Recebeu do Crea-SP o Diploma do Mérito pelos relevantes serviços prestados à Agronomia.

Glauco Eduardo Cortez reforça o time da Valorização Profissional, também como diretor adjunto. Graduado em Agro-



nomia pela FCAV-Unesp, Jaboticabal (1990), mestre e doutor em Agronomia pela mesma instituição. Durante 20 anos, foi docente do Centro Universitário Moura Lacerda, em Ribeirão Preto (SP), onde ocupou os cargos de coordenador do curso de Agronomia, reitor, pró-reitor de Assuntos Acadêmicos e pró-reitor administrativo. Foi também diretor superintendente e diretor acadêmico da Instituição Universitária Moura Lacerda, mantenedora do Centro Universitário e do Colégio Moura Lacerda. É professor assistente doutor do Departamento de Ciências Exatas da FCAVJ-Unesp. Foi conselheiro do Crea-SP, ocupando os cargos de coordenador da Câmara Especializada de Agronomia, diretor administrativo, diretor técnico. Em 2019, foi vice-presidente do Conselho.

Para Cortez, a meta é fazer com que a sociedade reconheça o papel relevante do engenheiro agrônomo. “As pessoas não se dão conta de que, em muitos setores da vida cotidiana, existe a participação direta de um ou mais engenheiros agrônomos em tudo aquilo que elas estão consumindo, utilizando ou transformando. Nosso objetivo é desenvolver, em conjunto com a diretoria da AEASP, medidas que consigam tornar claro para o público, em geral, quão importante é a atividade profissional do engenheiro agrônomo, pautada por critérios técnicos, para a agropecuária sustentável e para toda a sociedade”, conclui.

Ana Meire Coelho Figueiredo está à frente da diretoria administrativa da AEASP, mas, desde 2000, atua como secretária da entidade. Esalqueana, formada em 1987, também é graduada em Direito pela Unisal, sócia-proprietária das empresas Walfi Indústria de Saneantes e Cosmos Defensivos. Ela coordena os eventos técnicos da associação e coordenou a Comissão da Cerimônia Deus Ceres por diversas vezes.

Conselheira do Crea, pela AEASP, por quatro mandatos, período em que atuou em diversas comissões: Comissão de Relações Públicas, Comissão de Ética Profissional (coordenadora adjunta), Comissão Especial 75 anos (coordenadora), Comissão de Renovação do Terço (coordenadora), Diretora de Entidades de Classe, Comitê Multidisciplinar de Arborização Urbana (coordenadora). Ministrou ainda diversas palestras para o Crea-SP (instituições de ensino, Sindag, CDA/Mapa). Preside o Clube dos Agrônomos de Campinas (CAC), onde também foi diretora administrativa e vice-presidente.

Em consonância com a missão da associação, ela pretende trabalhar fortemente na valorização dos profissionais. “A valorização dos engenheiros agrônomos é nossa missão e a ideia é ampliar todas as ações que caminhem nessa direção. Portanto, estaremos também empenhados no fortalecimento da entidade com foco na adesão de novos associados”, sintetiza a diretora.



Diretora Administrativa, Ana Meire Coelho Figueiredo



Diretora Administrativa Adjunta, Francisca Ramos de Queiroz

A diretora administrativa adjunta da AEASP, Francisca Ramos de Queiroz, é formada pela Faculdade de Agronomia e Zootecnia “Manoel Carlos Gonçalves” (Unipinhal), pós-graduada em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade Nove de Julho e possui especialização em Ouvidoria pela Associação Brasileira de Ouvidores.

Dentre as muitas experiências que acumulou na administração pública, destacam-se sua atuação como diretora do Parque Ibirapuera, pertencente à Secretaria do Verde e Meio Ambiente de São Paulo, e seu trabalho na Implantação de Ouvidoria Parlamentar e Treinamento da Câmara de Vereadores de Itapevi, entre outros. Ela também foi ouvidora adjunta da Ouvidoria do Parlamento da Câmara de Vereadores de São Paulo e chefe de unidade regional do Crea-SP.

“Me sinto lisonjeada por ter sido convidada para fazer parte dessa nova administração, já participei da diretoria em algumas gestões e sempre gostei de doar meu tempo para as atividades representativas e dar a melhor colaboração possível. Na Agronomia, creio que evoluímos bastante, mas ainda temos um longo caminho de modernização, em termos tecnológicos e também de legislação profissional, que precisamos percorrer”, comenta Francisca.

A profissional acredita que a atual gestão avançará nos interesses da classe. “Cada diretor vem de uma área diferente e tem uma determinada influência, poderemos oferecer contribuições importantes. No tocante ao mercado de trabalho, precisamos atuar para ajudar os colegas a encontrar oportunidades, tanto os recém-formados quanto os experientes”, conclui.

Quem vai dirigir as finanças da AEASP é Celso Roberto Panzani. Formado pela FCVA-Unesp, Jaboticabal (1974), trabalhou na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA), onde iniciou suas atividades como engenheiro agrônomo extensionista na Casa da Agricultura de Cananea e como delegado agrícola em Santos. Foi diretor de Defesa Sanitária Vegetal do Estado de São Paulo. Em 1987, assumiu a Divisão de Mudanças da Cati/Sementes de Mudanças, onde permanece até o momento.

Ingressou na AEASP e também no Clube dos Agrônomos de Campinas (CAC), na década de 1980. Neste mandato, ele comenta que atuará em consonância com as demais diretorias, priorizando a saúde financeira e a sustentabilidade orçamentária da entidade. “Vamos buscar parcerias e trabalhar com transparência e austeridade, para que a AEASP seja sempre lembrada como entidade pioneira e forte na defesa da Agronomia, do agronegócio e, em especial, do engenheiro agrônomo”, resume Panzani.

O diretor financeiro adjunto, José Eduardo Abramides Testa, é formado pela ESALQ-USP (1979), especialista em Perícias de Engenharia e Avaliações pelo Ibape/Faap e em Manejo de Solos pela FEALQ/ESALQ-USP, mestre em Ciências Ambientais pela



Diretor Financeiro,  
Celso Roberto Panzani



Diretora de Atividades Promocionais,  
Waldenilza Monteiro Vital Alfonsi

UniBrasil. Em 37 anos de serviço público, no Departamento de Sementes, Mudanças e Matrizes da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), ocupou a diretoria no Centro de Produção de Sementes (CPS) e no Centro de Produção de Mudanças (CPM). Dentre as atividades representativas, já esteve na diretoria da AEASP em outras gestões e ocupou dois mandatos eletivos de conselheiro do Crea-SP na Câmara Especializada de Agronomia.

Na posição de diretora de atividades promocionais da AEASP, Waldenilza Monteiro Vital Alfonsi pretende propor e organizar eventos, tais como congressos e reuniões técnicos-científicas, com temas relevantes da agropecuária nacional e com enfoque na sustentabilidade do agronegócio. “Juntamente com outras instâncias da AEASP, planejo também promover reuniões técnicas setoriais visando à atualização e qualificação profissional, com intuito de alavancar, fortalecer e preservar a profissão do engenheiro agrônomo. Em conjunto com a diretoria executiva da AEASP, organizar a Cerimônia Deusa Ceres em reconhecimento aos profissionais de destaque eleitos pela AEASP.”

Waldenilza possui graduação em Engenharia Agrônoma pela UniPinhal, mestrado pelo Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), na área de fitopatologia e doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na área de mudanças climáticas e doenças de plantas.

Trabalhou como consultora em Zoneamento Agrícola de Riscos Climáticos, no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Participou de projetos de pesquisa na área de fitopatologia, mudanças no clima, adaptação do setor agrícola, segurança alimentar e clima versus doenças de plantas e organizou diversos eventos técnicos. É diretora da empresa Aiutare Consultoria em Agronegócios, bolsista de estímulo à inovação na Embrapa, na área de gestão de projetos, e diretora administrativa do Clube dos Agrônomos de Campinas (CAC).

A diretoria de Comunicação da AEASP está sob o comando de Tais Tostes Graziano. Ela se graduou em 1976 pela ESALQ-USP, é mestre em Produção Vegetal pela Faculdade de Ciências

Agrárias e Veterinárias (FCAVJ-Unesp) e doutora em Biologia Vegetal, área de concentração fisiologia vegetal, pelo Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Em 1977, passou a integrar os quadros da FCAVJ-Unesp, deixando a instituição como professora assistente doutora no Departamento de Horticultura, em 1994. Foi pesquisadora do Centro Apta de Horticultura do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), na área de floricultura e plantas ornamentais, durante 17 anos. Como empresária, dirigiu a Zona Rural, empresa especializada nos serviços de produção de mudas de plantas ornamentais e paisagismo.

Dentre as várias atividades representativas, foi presidente da Sociedade Brasileira de Floricultura e Plantas Ornamentais, editora-chefe da Revista Brasileira de Horticultura Ornamental, membro da diretoria do Instituto Brasileiro de Floricultura (Ibraflor) e membro da Câmara de Agronomia do Crea-SP por seis anos, representando a AEASP.

Na diretoria de Comunicação da AEASP, seu maior desafio é tornar a associação mais visível e influente na discussão dos assuntos de interesse da agropecuária e do agronegócio, visando informar e esclarecer não só o associado, mas a sociedade como um todo.

“Divulgar o trabalho realizado pela diretoria da AEASP, em prol da categoria profissional dos engenheiros agrônomos, é uma das nossas prioridades, buscando atrair mais associados e aumentar, assim, nossa representatividade”, diz Tais.

E completa: “Temos instrumentos de trabalho importantes para atingir tal fim, como nosso site, recentemente reformulado; as mídias digitais como Facebook (AEASP Nova Geração), Instagram, Twitter, LinkedIn e Youtube; e, principalmente, o *Jornal do Engenheiro Agrônomo (JEA)*, nosso mais tradicional meio de divulgação e informação, circulando desde 1970”.

Tais coordena a Comissão Editorial do *JEA*, que decide sobre a pauta e temas publicados. O jornal continua a circular na forma impressa, mas também está disponível no formato digital, no site da AEASP, ampliando seu alcance. 🐾

Diretor Financeiro Adjunto,  
José Eduardo Abramides Testa



Diretora de Comunicação,  
Tais Tostes Graziano



# Cafeicultura com amor e técnica

## AEASP promove encontro virtual sobre qualidade dos cafés no Brasil

Por Sandra Mastrogiacomio

**A**ssociação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) promoveu, no dia 24 de fevereiro, um encontro virtual para discutir o tema “A qualidade dos cafés no Brasil” com o engenheiro agrônomo Aldir Alves Teixeira, reconhecido como um dos maiores especialistas em qualidade do café no Brasil e presidente do Concurso de Qualidade de Café no Brasil – prêmio que entrou para o calendário da cafeicultura nacional como um mecanismo de incentivo à produção de cafés de qualidade no país.

O evento contou com o apoio do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado de São Paulo (Crea-SP), da Caixa de Assistência dos Profissionais dos Creas (Mútua), sendo moderado pelo engenheiro agrônomo Celso Luis Rodrigues Vegro, diretor do Instituto de Economia Agrícola, outro estudioso dessa cultura.

A abertura do evento foi feita pela diretora administrativa da AEASP, Ana Meire Coelho Figueiredo. Em seguida, o presidente Henrique Mazotini fez as suas considerações iniciais, agradecendo a participação dos convidados e dos internautas de diversas regiões do Brasil, EUA e Itália.

Ele também comentou sobre a relevância das palestras promovidas pela entidade. “É uma satisfação para a AEASP estar fazendo mais um evento técnico para os associados, para os engenheiros agrônomos e interessados. São palestras da maior importância para a nossa classe”, afirmou Mazotini.

O presidente ainda falou sobre os planos para a AEASP. “Neste ano, iniciamos uma nova gestão, na qual fui eleito como presidente. Temos grandes desafios nessa nova fase e todos eles voltados ao engenheiro agrônomo: orienta-

ções técnicas, prestação de serviços e tudo aquilo que a AEASP faz há mais de 70 anos.” Mazotini acrescentou que a palestra faz parte de uma sequência de eventos iniciados no ano passado, cinco ao todo. “Também contamos com a colaboração do Crea-SP, ao qual agradecemos desde já. Aproveito para agradecer nosso palestrante, o dr. Aldir Alves Teixeira, e ao nosso colaborador Celso Vegro, que realizará a moderação.”

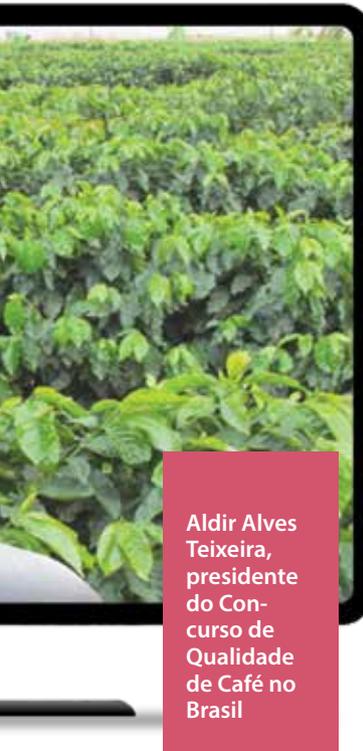
O evento contou, ainda, com a participação do presidente do Crea-SP, Vinicius Marchese, que parabenizou a AEASP pelos eventos realizados, e afirmou: “O Crea incentiva parcerias como as de hoje para levar conhecimento, capacitação e valor para o profissional. Queremos que iniciativas como essa aconteçam cada vez mais e vamos investir para que aconteçam”.

O Conselho tem a função de fiscalizar o exercício profissional e exigir que à frente das atividades técnicas estejam profissionais habilitados. “O agronegócio é um segmento extremamente importante, pois representa quase 30% do PIB brasileiro. Então, nós, como Conselho, temos de realizar a fiscalização e a capacitação dos profissionais. Portanto, mais uma vez, parabéns à AEASP. O Crea está à disposição para investir cada vez mais em iniciativas como essa”, reafirmou Marchese.

### Dedicação recompensada

Em sua fala inicial, Celso Vegro destacou a importância e o interesse das pessoas pelo tema café na atualidade. “O café é uma coisa que vale a pena discutir, agrega muito interesse e hoje vocês terão uma prova disso porque o nosso palestrante é o dr. Aldir Alves Teixeira. Se tem





Aldir Alves Teixeira, presidente do Concurso de Qualidade de Café no Brasil



Celso Luis Rodrigues Vegro, diretor do Instituto de Economia Agrícola

alguém no Brasil, e quiçá no mundo, que possa falar de qualidade de café é esse engenheiro agrônomo.”

Teixeira formou-se engenheiro agrônomo em 1959 e obteve o título de Doutor em Agronomia em 1972, pela ESALQ-USP. Trabalhou na Seção de Classificação e Degustação de Café, da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo e prestou serviço ao antigo Instituto Brasileiro do Café (IBC). Reassumiu o cargo no Instituto Biológico, em 1983. Após aposentar-se, abriu a empresa Assicafé da qual foi diretor até 2014.

Preside o Concurso de Qualidade de Café no Brasil, um dos mais importantes do gênero. Por seu empenho, o prêmio se tornou um importante instrumento de incentivo à produção de cafés de qualidade no país. Em 2015, Teixeira foi o “Engenheiro Agrônomo do Ano” pela AEASP. Hoje, ocupa o cargo de diretor-geral da Experimental Agrícola do Brasil.

Na primeira parte da palestra, o engenheiro agrônomo fez uma contextualização histórica:

- No começo, não havia qualquer técnica para o plantio e, com isso, houve um excesso na produção, que ultra-

passou a necessidade de exportação e consumo interno. Tínhamos um excedente anual de 12 milhões de sacas e, por isso, o governo resolveu instituir um programa de erradicação do café. Ele pagava para arrancar o café e subsidiava o plantio de outras culturas. Como o valor pago pelo governo era muito alto, além das lavouras improdutivas, também foram arrancadas lavouras produtivas. Em seguida, ocorreram geadas no Paraná e seca em São Paulo, além da chegada da ferrugem no Brasil, que fizeram com que a produção ficasse abaixo das nossas necessidades de exportação e consumo interno. Foi aí que veio o renascimento da cafeicultura e os engenheiros agrônomos puderam mostrar a sua capacidade.

O tema da qualidade do café entrou para a agenda nacional no fim da década de 1980, com a falta de café de qualidade brasileiro para os blends da Illycaffè. Em 1991, chegou ao Brasil o Dr. Ernesto Illy, presidente da Illycaffè, com a missão de lançar um prêmio para incentivar a produção de cafés especiais e assim comprar direto do produtor, remunerando-o melhor.

De acordo com Teixeira, depois da iniciativa pioneira, surgiram outros

prêmios regionais, estaduais e nacionais, de cooperativas, de Associações do café do Cerrado, da Zona da Mata e diversos outros, inclusive um prêmio do Estado de São Paulo que leva o nome dele.

“Eu sempre ouvi dizer que o café bom era para exportação e que o café ruim era para consumo nosso. Essa tendência começou a mudar a partir do prêmio da Illy, que percebeu que o café brasileiro tem qualidade. O café brasileiro tem corpo, doçura e chocolate, características que somam aos cafés aromáticos de outros países.”

### Como produzir qualidade

Teixeira explanou sobre os principais aspectos envolvidos na produção de cafés com qualidade. O café Arábica (*Coffea arabica*) contém 1,1% a 1,7% de cafeína, 16% de óleos, é aromático, doce, tem boa acidez e amargura agradável. Já o café Robusta (*Coffea canephora*), por outro lado, tem de 2% a 4,5% de cafeína, 8% de óleos é menos aromático e tem maior amargura. A Illy só compra café arábica.

Em relação às partes do fruto e da semente, o palestrante explicou que o fruto é composto da casca,



Ana Meire Coelho Figueiredo,  
diretora Administrativa da AEASP



Henrique Mazotini,  
presidente da AEASP



Vinicius Marchese,  
presidente do Crea-SP

da mucilagem e do pergaminho. Já a semente é composta pelo grão, a película prateada e o embrião. “É importante a gente ter essa noção para ver como iremos preparar o café para ter essa qualidade.”

Sobre os tipos de colheita, derriça e seletiva, ele comentou que antigamente a derriça era feita somente no chão e muitas vezes o café bom, derrubado no chão, se misturava com os estragados.

Já a colheita seletiva, só de frutos maduros, é válida para os países da América Central e a América do Sul porque chove muito durante a colheita. “Atualmente, temos a colheita mecânica, muito utilizada no Cerrado mineiro, que foi uma descoberta do IBC porque tinha um solo muito pobre, mas com uma boa propriedade física.”

Por essa razão, no zoneamento, o IBC selecionou o cerrado mineiro, de forma geral, para o solo ser tratado tecnicamente com adubação e corretivo, esclareceu Teixeira. “Assim, a lavoura se desenvolve muito bem. E foi um sucesso a implantação do café no cerrado mineiro.”

Em concordância com Aldir, Vegro sublinhou que “toda região pode produzir café de qualidade, basta usar tecnologia e o conhecimento agrônomo.”

O especialista também destacou os tipos de processamento, que podem ser: natural, cereja descascado ou despulpado. O primeiro é aquele em que o fruto é colhido no estágio de passa e seco. O segundo é utilizado no café cereja, quando é descascado, mas não é degomado. Por fim,

o café despulpado é o descascado e sem a mucilagem, retirada por fermentação. “Essa não é uma característica do café brasileiro”, pontuou.

Ele lembrou que, no fim da década de 1990, o Brasil começou a ter problema com os cafés naturais, que começaram a fermentar ainda na árvore por causa do aumento da temperatura. “Tanto é que, a partir dos anos 2000, também abrimos o prêmio para cafés descascados, mantendo a mucilagem, importante para manter o corpo e a doçura do café”, lembra Teixeira.

“Depois de alguns anos de prêmio, fizemos um estudo para checar a colocação dos premiados e verificamos que os que sempre estavam no topo eram os produtores que retiravam a casca, mas mantinham a mucilagem, que é muito importante para a qualidade final do produto”, conta o especialista.

“Acho que são as duas maravilhas que o Brasil produziu nesse período. A questão da recuperação do Bourbon amarelo como uma marca de excelência exclusiva do café brasileiro, a doçura que ele agrega a qualquer xícara, a suavidade que ele possui naturalmente, embora tenha que tratar a lavoura a pão de ló pra conseguir isso”, comentou Vegro. E acrescentou. “O processamento de cereja descascada, como mencionado pelo Aldir, é realmente uma revolução na preparação de cafés de qualidade.”

Segundo ele, o cafeicultor conhece o espaçamento, conhece a variedade, sabe os adubos que deve usar, conhece todos os tratos culturais e todos os produtos contra

pragas e doenças, mas muitas vezes negocia no escuro por não conhecer a qualidade do seu café.

O engenheiro agrônomo conta que na Qualidade Illy de café, o produto não deve ter os defeitos: verde, preto, preto verde e ardido. “Uma xícara de café expresso leva cerca de 50 grãos, se tiver um grão preto verde, acabou o café. Por isso, não aceitamos cafés que possuem um preto, ardido ou preto verde. No caso do grão verde, ainda toleramos desde que não afete a qualidade da bebida e que esteja dentro do tipo 3 (com no máximo 12 defeitos).”

De acordo com o mestre, a busca da excelência no café expresso deve respeitar fatores como bom aroma, caramelo e chocolate; ser uma bebida adocicada; amargor agradável; encorpada; espuma densa, persistente e cor de avelã; aftertaste longo e agradável; e sem adstringência.

Conforme dados do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), de janeiro a setembro de 2021, a exportação de qualidade superior com algum tipo de certificado e práticas sustentáveis chegou a 17,6%. “Hoje, o Brasil já é conhecido como produtor de café de qualidade”, conclui Teixeira. Segundo ele, no mercado já se tem uma melhoria acentuada na qualidade do produto, o que se mostra na grande quantidade de marcas regionais especiais.

A palestra completa está disponível no canal do YouTube AEASP Nova Geração e pode ser conferida a qualquer tempo. ☞

## Um programa para aplicadores de agrotóxicos

O Mapa, em parceria com a CropLife Brasil, o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), lançou o Programa Nacional de Habilitação de Aplicadores de Agrotóxicos (Aplicador Legal) e Afins. O lançamento ocorreu no dia 17 de março, numa solenidade em Brasília, com a presença da ministra Tereza Cristina e de representantes das entidades envolvidas.

A medida é prevista no Decreto nº 10.833/2021, que determinou a criação de registros de aplicadores, com a obrigatoriedade de treinamento para os profissionais aplicadores em campo. A capacitação é importante para aumentar a conscientização sobre riscos, bem como orientar a aplicação adequada visando à proteção do meio ambiente, à segurança alimentar e às melhores práticas para a saúde humana. Até 2026, estima-se a capacitação e registro de 2 milhões de agricultores.

Na cerimônia de lançamento, foi assinado um protocolo de intenções entre a Secretaria de Defesa Agropecuária, a CropLife Brasil, o Sindiveg e o Senar, para a elaboração de um Plano de Trabalho e realização de cursos de capacitação destinados à aprovação do registro de aplicador de agrotóxicos e afins. João Sereno Lammel, ex-presidente da AEASP e atual vice-presidente do Sindiveg, participou da cerimônia e assinou o compromisso em nome do sindicato.



FOTO: DIVULGAÇÃO

## Plano Nacional de Fertilizantes

O governo federal lançou o Plano Nacional de Fertilizantes, em 11 de março, no Palácio do Planalto. O PNF é uma referência para o planejamento do setor de fertilizantes para os próximos 28 anos (até 2050), com foco nos principais elos da cadeia: indústria tradicional, produ-

tores rurais, cadeias emergentes, novas tecnologias, uso de insumos minerais, inovação e sustentabilidade ambiental. Pretende-se diminuir a dependência de importações desses nutrientes, em 2050, de 85% para 45%, mesmo que dobre a demanda por fertilizantes.

## Comitê de arborização do Crea-SP é reativado

Em 2019, o Crea-SP implantou o Comitê Multidisciplinar de Arborização Urbana, composto por engenheiros agrônomos, florestais, civis e eletricitistas - representantes do Crea-SP, da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente (Sima), da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP)

e da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana (SBAU).

O órgão formula propostas para aprimorar a atuação do Crea-SP nessa área e teve intensa atividade até 2020, quando parou, por conta da pandemia.

Em fevereiro deste ano, o órgão voltou a operar sob a coordenação da engenheira

agrônoma Ana Meire Coelho Figueiredo, representante da AEASP, reconduzida ao cargo. Estão entre os objetivos do grupo para 2022 a realização de fóruns e palestras com representantes ligados à arborização urbana nos municípios e nas associações, além de treinamento de fiscais do Crea-SP para fins de fiscalização.

## Produtos artesanais de origem animal

Decreto que regulamenta a Lei nº 17.453, assinado pelo governo paulista em fevereiro, deve trazer desenvolvimento e desburocratização para os produtores artesanais de produtos de origem animal. Além disso, a proposta pretende oferecer mais segurança

e opções de produtos de qualidade aos consumidores. De acordo com o governo, a formalização permite a comercialização de produtos reconhecidos em todo o mundo, beneficiando 15 mil produtores e cerca de 1 milhão de famílias.

## AgendAgro

### SFB: serão distribuídos R\$ 85 mil entre os ganhadores

O VII Prêmio Serviço Florestal Brasileiro em Estudos de Economia e Mercado Florestal está com as inscrições abertas até 30 de junho de 2022. A iniciativa reconhece trabalhos realizados no campo de estudos florestais aplicáveis às políticas voltadas ao setor. Podem concorrer à premiação trabalhos individuais ou em grupo, nas categorias Profissional ou Graduando. O prêmio é para estudantes e profissionais e possui como tema central a Economia e o Mercado Florestal.

Serão distribuídos R\$ 85 mil entre os ganhadores desta edição. Na categoria Profissional serão entregues R\$ 25 mil, R\$ 15 mil e R\$ 10 mil ao primeiro, segundo e terceiro lugares, respectivamente. Os ganhadores da categoria Graduando receberão R\$ 20 mil, R\$ 10 mil e R\$ 5 mil. Também haverá a entrega de troféu e certificado, além da publicação da monografia em formato eletrônico. As inscrições devem ser feitas no site da premiação.

### Premiação para pesquisas sobre fertilizantes

Em 2021, a Associação Nacional de Difusão de Adubos (ANDA) anunciou a criação do 1º Prêmio Carlos Florence (PCF), uma iniciativa para valorizar os trabalhos acadêmicos que se destaquem nas pesquisas sobre fertilizantes, notadamente

sob o aspecto da inovação. Nesta primeira edição, o PCF é dirigido a estudantes matriculados em cursos superiores ligados à agronomia e suas vertentes, nos níveis de graduação e pós-graduação, realizados em território nacional. O valor da premiação é equivalente a 3 mil dólares. As inscrições podem ser feitas no site da ANDA até 29 de abril de 2022. A entrega da premiação ocorrerá no 9º Congresso Brasileiro de Fertilizantes, em 23 de agosto de 2022.

### Congresso Brasileiro de Soja

O IX Congresso Brasileiro de Soja e o Mercosoja 2022 serão realizados de 16 a 19 de maio, em Foz do Iguaçu (PR), pela Embrapa Soja. As novidades e as tendências do mercado mundial de soja serão abordadas pela diretora de Desenvolvimento de Mercado em CME Group (Bolsa de Chicago) com foco na América Latina/Commodities, Roberta Paffaro.

O CBSOJA e o Mercosoja são os dois maiores fóruns técnico-científicos da cadeia produtiva da soja na América do Sul e ocorrem em conjunto nesta edição. O evento será presencial, porém existe a possibilidade de participação online. As inscrições podem ser realizadas pelo site do evento. A programação tratará desde desafios tecnológicos dos sistemas de produção, às novas oportunidades para a cadeia produtiva.

# A agricultura e a domesticação de plantas no Brasil

## A contribuição dos primeiros habitantes

\*Renato Ferraz de Arruda Veiga

**N**iềde Guidon (2008) disse que o homem está no Brasil provavelmente desde 100 mil anos passados. Achados arqueológicos, em terras próximas a São Carlos (SP), mostram a presença do homem desde 12.600 anos atrás. Em Santa Catarina, os índios das atuais etnias Kaingang e Laklânô/Xokleng, em 1.000 d.C., eram mais que caçadores-coletores (nômades), pois também praticavam a agricultura, sabiam manejar a floresta de araucária e eram capazes de moldar a paisagem local, e se fixavam por longos períodos em casas subterrâneas (ARAUJO & CORREA, 2016).

Apesar do princípio do sedentarismo em aldeias ter conduzido a uma alimentação menos diversa e, portanto, mais pobre (SOUZA et al., 2016), aventa-se que os índios domesticaram todas as espécies nativas cultiváveis que conhecemos, a partir de 9 a 12 mil anos atrás. Assim, se tornaram os pioneiros na agricultura e domesticação, séculos antes da chegada dos portugueses, cultivando espécies nativas (açai, babaçu, batata-doce, caju, mandioca, ...83 spp.), além de introduzir exóticas (abóbora, milho, tabaco, ...55 spp.), (Warwick Estevan KERR, 1986).

Isto é fácil de justificar quando se observa que na Amazônia teriam vivido de 4 a 5 milhões de índios (há quem sugira 10 milhões) e que, após 300 anos de colonização, tal população já havia sido reduzida para 5%. Consequentemente, isto conduziu à erosão genética com o desaparecimento de espécies domesticadas (Charles Roland CLEMENT, 1999). O autor (2019) cita que o desaparecimento de grande parte da população original “esvaziou” as paisagens e permitiu a regeneração da floresta, o que “escondeu” parte do legado indígena na domesticação.

### A dependência histórica da alimentação no Brasil

Tal “dependência histórica”, que existe até hoje, é resultante da alimentação dos nossos colonizadores, os quais trouxeram espécies alimentícias de tradição do seu país de origem, as quais se adaptaram bem ao Brasil, tornando-nos “dependentes” desse germoplasma.

Muitas foram as espécies introduzidas pelos europeus, tais como: abacate, açafraão, baunilha, cana-caíena, café, canela,



FOTO: DIVULGAÇÃO

carambola, cravo, dendê, fruta-do-conde, fruta-pão, gengibre, índigo, inhame, jaca, lichia, manga, noz-moscada, pimenta etc. (Warren DEAN, 1991).

Sabe-se que nossas cultivares, em especial das espécies agrícolas exóticas, têm uma estreita base genética e necessitam frequentemente da introdução de novos genes para melhorá-las, daí retornarmos à questão da nossa chamada “dependência histórica” do germoplasma dos centros de origem e/ou de diversidade, o qual devemos introduzir ou coletar, como provado por Nicolai Ivanovich VAVILOV (1951).

### Os centros de origem e de diversidade no Brasil

Centro de Origem (CO) é uma área geograficamente isolada onde ocorre a maior diversidade da espécie domesticada e de suas parentes nativas. Todo CO também é um

Centro de Diversidade (CD). Distingue-se CO por: a) CO Primário: local onde existe maior variabilidade da espécie; b) CO Secundário: onde se desenvolvem outros tipos que migraram do Centro Primário.

Centro de Diversidade (CD) é uma área geográfica com alta diversidade genética da espécie domesticada, no ou fora do seu Centro de Origem. Portanto, nem todo CD é um CO (Ex: melancia, abóbora, melão etc., com CD no Nordeste do Brasil (CLEMENT, 2007).

Atualmente, o Brasil possui germoplasma diversificado à disposição nos bancos ativos e base, em especial acessos de espécies domesticadas para o trabalho de melhoramento genético. 🌱

\*Eng. agr. dr., diretor administrativo da Fundação de Apoio à Pesquisa Agrícola (Fundag)





# Venha fazer — parte da — Caixa de Assistência dos Profissionais do CREA

*Ao se tornar associado, fica muito mais fácil investir em você e na sua carreira: recursos financeiros com juros a partir de 0,2% a.m., previdência complementar exclusiva, além de planos de saúde e convênios com grandes marcas.*

*O valor da contribuição anual varia de R\$ 160 a R\$ 200 - descontos para antecipação e pontualidade -, e desse montante, R\$ 50 (cota de associatividade) são revertidos para a conta do TecnoPrev do associado, no mês de aniversário de inscrição, após quitar sua anuidade vigente, e protegendo você e sua família com os benefícios sociais informados acima.*

---

**Invista na sua profissão, nos seus sonhos  
e molde o seu futuro.**

---

**CONFEA**  
Associação Nacional de Engenheiros e Arquitetos



**CREA**  
Associação Nacional de Engenheiros e Arquitetos



**MUTUA-SP**  
CAIXA DE ASSISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO CREA

[www.mutua.com.br](http://www.mutua.com.br) | [sp@mutua.com.br](mailto:sp@mutua.com.br)

CONHEÇA UM DOS  
BENEFÍCIOS DA MÚTUA:

**BENEFÍCIOS REEMBOLSÁVEIS**

**BENEFÍCIOS SOCIAIS**

**TECNOPREV**

**CLUBE MÚTUA DE VANTAGENS**

**VAMOS CONVERSAR  
SOBRE O SEU FUTURO?**

EXISTE UM PLANO DE PREVIDÊNCIA  
EXCLUSIVO PARA O PROFISSIONAL DO CREA,  
COM A SEGURANÇA DO BANCO DO BRASIL.

UM PLANO COMPLETO, COM COBERTURAS  
ADICIONAIS E TAXA ZERO DE CARREGAMENTO.

**A RENTABILIDADE?**

20,82% NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS.

OUTRO DIFERENCIAL É A TRIBUTAÇÃO DO  
IMPOSTO DE RENDA: APENAS NO RESGATE.  
É POSSÍVEL, AINDA, DEDUZIR EM ATÉ 12%  
DA SUA RENDA BRUTA ANUAL OS VALORES  
INVESTIDOS NO TECNOPREV.

ENTRE EM CONTATO COM A MÚTUA-SP E  
SEJA PARTICIPANTE!



PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR

**MAG**  
SEGUROS

Administrado por

**BB PREVIDÊNCIA**



LIGUE 0800 161 0003

WHATSAPP BUSINESS: 11 3257-3750

E-MAIL: [sp@mutua.com.br](mailto:sp@mutua.com.br)

INSTAGRAM: @mutua.sp